

TOPICOS

O REALISMO DE RUY - A minha geração não conheceu Ruy vivo

Após as primeiras referências laudatórias a seu nome, seu vulto, sua obra e suas lutas, depois dos elogios mais ou menos desacompanhados de justificação, travou conhecimento com as críticas e restrições que a ele se fizeram.

No espírito moço, já espontaneamente inclinado contra os lugares comuns e o conservadorismo no culto das idéias como dos homens, haviam de calar fundo as restrições audaciosas feitas ao louvor quase unânime e já quase automático de seu nome, tanto mais quanto as dimensões de sua obra e de sua vida dificilmente permitiam convicção na escolha entre êsse louvor e os argumentos em que se baseavam aquelas restrições.

Em campo propício semeavam, portanto, os negadores de Ruy. A sua idolatria incondicional era a ordem estabelecida; a sua crítica era o movimento revolucionário do pensamento livre. Fácil saber-se para qual desses dois pólos se inclinaria a instintiva preferência dos jovens.

E como essa crítica partia, principalmente, dos devotos da chamada "realidade brasileira", que acusavam Ruy de ignorá-la ou, ao menos, de pensar e agir sem atenção a ela, no espírito de minha geração — creio poder afirmá-lo — formou-se sobre ele a idéia de um erudito pletórico e estéril, engolfado na política e nos estudos teóricos, agitando por longos anos o panorama nacional para passar sem deixar de si vestígios concretos, além de uma vastíssima obra escrita e de uma funesta reforma financeira.

Felizmente, entretanto, essa impressão prontamente se desfaz aos primeiros contatos com o conjunto de sua obra e de sua vida.

Ao invés de ignorá-la, foi Ruy, ao contrário, um eterno preocupado da "realidade brasileira". A sua vida e a sua obra não são de um teórico; são, acima de tudo, de alguém que "trabalhou" na vida nacional. E' certo — e isso se explica pela própria imensidade de sua formação intelectual — que sua ação se processou no plano das superestruturas jurídicas e política da sociedade e não seu cerne econômico. Mas, de qualquer forma, não foram as seduções da doutrina que lhe moveram as extraordinárias energias, e sim as circunstâncias e os ensejos da própria "realidade brasileira".

Não foi o fascínio do Direito que lhe motivou a Posse dos Direitos Pessoais; foi a necessidade prática de encontrar, para uma situação concreta, remédio judiciário pronto e eficaz. Não foram os devaneios filológicos que lhe provocaram a Réplica; foi a questão prática da redação do Código Civil.

Seria interminável a exemplificação. Ninguém no Brasil versou tantos assuntos, ninguém ventilou tantas teses, ninguém produziu tantas obras. De qualquer delas, sem exceção, o motivo determinante será encontrado nas contingências da vida política nacional.

Poder-se-á, talvez, articular que Ruy nem sempre possuiu o senso da nossa realidade, que nem sempre as soluções que propôs foram as que os nossos problemas comportavam. Isso seria objeto para um estudo interpretativo de tôda a sua atuação na vida nacional. O que nos parece, porém, fora de dúvida é que ele viveu na realidade brasileira e, principalmente, para a realidade brasileira.

Após contribuir, mais do que ninguém, para erigir as nossas instituições democráticas e republicanas desceu Ruy à arena das lutas pelo afeiçoamento das nossas práticas políticas àquelas instituições.

No campo do Direito Público, onde ele principalmente lavrou, convergem e se completam o Direito e a Política. Se ele lutou para que esta se conformasse àquele, não deixou por isso de ser realista. O Direito deve ser a expressão das realidades sociais, mas, ao tempo em que as traduza, deve ordená-las, deve encontrar-lhes a coerência, o sistema e as proporções.

Durante tôda a sua vida, Ruy ensinou "com a doutrina e o exemplo, mas ainda mais com o exemplo do que com a doutrina, o culto e a prática da legalidade, as normas e o uso da resistência constitucional..." E' que ele não considerava a realidade social uma realidade inelutável. Sabia-a superior às forças individuais, mas acreditava na possibilidade do aperfeiçoamento social e político através de um longo processo educativo. Por isso visou menos os resultados imediatos de sua pregação e de sua luta do que o próprio processo em que as desenvolveu, ou melhor, o sentido que elas pudessem ter de exemplo e de educação.

Se com isto foi um apóstolo e um idealista, não nos parece que tenha sido um teórico ou um visionário.